

## A HISTÓRIA DO TRABALHO NO AMAZONAS: DESAFIOS ATUAIS

Luciano Everton Costa Teles  
Professor Assistente da UEA/CEST  
E-mail: [lucianoeverton777@hotmail.com](mailto:lucianoeverton777@hotmail.com)

### RESUMO

O presente artigo visa destacar os aportes teóricos que vem sendo discutidos nos últimos anos no campo da História do Trabalho, apresentando um mapeamento dos trabalhos produzidos nas últimas três décadas no Estado do Amazonas e apontando os desafios e os novos caminhos de pesquisa neste campo, em especial a “teoria de rede” apresentada por Mike Savage.

**Palavras-chave:** História do Trabalho, Mapeamento, Amazonas.

### ABSTRACT

This article aims to highlight the theoretical contributions that have been discussed in recent years in the field of labor history, with a mapping of the works produced in the last three decades in the state of Amazonas and pointing challenges and new avenues of research in this field in particular the "network theory" by Mike Savage.

**Keywords:** Labor History, Mapping, Amazonas.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu da necessidade de apresentar um mapeamento da produção histórica no Amazonas que tem colocado em relevo a centralidade do trabalho nas análises das transformações históricas. Cabe destacar que a produção histórica neste campo vem passando por um avanço interessante, fruto da implantação e consolidação na Universidade Federal do Amazonas do Programa de Pós-graduação em História Social e, no interior do programa, da linha de pesquisa Migrações, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia. Este movimento local encontra-se em consonância com o que vem ocorrendo nas Universidades Federais em todo o Brasil (BATALHA,

2006), com a implantação, ampliação e consolidação de Programas de Pós-graduação em diversos campos e contemplando temáticas variadas.<sup>1</sup>

Como resultado ocorreu um adensamento dos estudos relacionados à História do Trabalho no Amazonas. Entretanto, não se configurou objetivo deste artigo apresentar todas as produções que surgiram ao longo das últimas três décadas, mas sim os mais significativos. Importante também mencionar que alguns trabalhos elencados acabaram focando a questão do trabalho não de forma direta, mas entrecortada por outras questões como patronato, gênero, infância, cidade e outros.

Neste sentido, procurou-se, num primeiro momento, apontar os aportes teóricos discutidos nos últimos anos no campo da História do Trabalho. Em segundo lugar, apresentar os trabalhos produzidos, nas últimas três décadas, no interior deste campo. Por fim, destacar os desafios atuais da História do Trabalho no Amazonas, revelando os novos caminhos de pesquisa, em especial a “teoria de rede” defendida por Mike Savage (2011).

## **2. A HISTÓRIA DO TRABALHO**

Sabe-se que a História do Trabalho, em certa medida, emergiu fora do espaço acadêmico e no interior do movimento operário. As características desta escrita da História eram “técnica e metodologicamente bastante ortodoxa” e tendeu a identificar “classe operária” com “movimento operário”, até mesmo com organizações, partidos e ideologias. Atribuiu também aos movimentos operários a “importância que ninguém mais parecia conceder a eles” e a produzir uma espécie de “versão oficial da história” (HOBSBAWM, 1987, p. 17-23).

Por volta das últimas quatro décadas, as questões acima mencionadas foram submetidas a um processo de discussão, principalmente a partir do momento em que a Academia as absorveu, promovendo uma reflexão rigorosa e científica. Não obstante, as análises acerca do movimento operário acabaram enfocando o estudo das “organizações formais da classe – sindicatos, partidos – instâncias de dominação – a burguesia e o

---

<sup>1</sup> O foco do artigo corresponde ao campo da História Social e, em especial, a História do Trabalho. Porém, não se pode pensar que o avanço na quantidade e na qualidade das produções foram realizadas somente nestas dimensões. Pelo contrário, outras dimensões e temáticas relacionadas a História Econômica, Cultural e até mesmo a uma “Nova História Política” passaram por este processo. Ver BARROS, José D’Assunção. O Campo da História...

Estado – e eixos de resistência operária – as greves –, e (...) classe como um efeito da estrutura produtiva” (PETERSEN, 1997, p. 62).

Nesta esteira, as dimensões do mundo do trabalho se restringiram a estes elementos, o que foi alvo de críticas, sobretudo de reducionismos (HAUPT, 1985). Com efeito, a superação dos reducionismos passou a ser destacada por meio do estudo das bases (não somente das lideranças), da cultura operária (não somente os sindicatos e os partidos) e dos trabalhadores em geral (fora do sindicato). Atualmente a articulação destes elementos foi proposta no sentido de se buscar uma melhor compreensão.

Como resultado desse movimento, novas dimensões no estudo da História do Trabalho passaram a ser iluminadas como, por exemplo, a relação entre a política sindical e partidos conservadores, o sindicalismo reformista na Primeira República e a família operária (PETERSEN, 1997, p. 69-72).

Da mesma forma, esquemas explicativos e conceitos foram sendo repensados. A crítica que pairava sobre o estruturalismo – a de que as estruturas em grande medida determinavam o comportamento humano – e sua substituição pela experiência, cedeu espaço para um enfoque que procurava encarar estas duas esferas como complementares e não excludente (PETERSEN, 1997, p. 65).

O conceito de classe, pela centralidade que assumiu nos estudos relacionados a História do Trabalho, especialmente para a compreensão das transformações históricas pelas quais as sociedades passaram, vem sendo defendido nos últimos anos (SAVAGE, 2011). Cabe aqui pontuar uma discussão significativa a respeito da noção de formação de classe social.

Durante algum tempo, principalmente antes da década de 70 do século passado, classe era entendida como produto da estrutura produtiva. Ou seja, a classe era identificada e percebida conforme a posição do grupo na estrutura produtiva. Esta noção foi bastante criticada por E. P. Thompson. Segundo ele classe devia ser entendida como fenômeno histórico e cultural e não como efeito da estrutura produtiva, ou seja, era necessário identificar sua formação no processo histórico de luta em oposição a outros grupos. Para ele o “fazer-se” da classe se dava de forma relacional e considerando tanto as condições materiais objetivas quanto a percepção destas condições – a experiência.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Experiência entendida como atos de idéias, sentimentos, valores, consciência que acabaram, no processo da luta de classes, surgindo e sedimentando-se. Ver GOHN, Maria da Glória. O Paradigma Marxista na Análise dos Movimentos Sociais. In: *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 171-207.

Classe é uma formação social e cultural (frequentemente encontrando expressão institucional) que não pode ser definida abstratamente ou de maneira isolada, mas somente em termos de relação com outras classes; e em última análise a definição somente pode ser feita em meio ao tempo – que é ação e reação, mudança e conflito... classe não é coisa é um acontecimento (THOMPSON, 1965, 357).

Cabe destacar também que o enfoque para além do espaço da produção, englobando os espaços de moradia e de sociabilidade, acabou incorporando noções como cultura, tradição, costumes e comunidade. Como apontou Isabel Bilhão:

Os estudos mais recentes sobre o mundo do trabalho vêm demonstrando a necessidade de se pensar as vivências operárias com base não apenas no *locus* de produção, mas também em seus ambientes de moradia e de sociabilidade. Além disso, esses estudos apontam que é necessário trabalhar com noções como as de cultura, de tradição, de costumes e de comunidade... (2010, p. 219).

Nesta esteira, categorias como pacto, negociação e cultura política foram observadas (GOMES, 2004, p. 159). A História do Trabalho passou a absorver novos recortes, além do de classe, gênero e etnia. Também houve uma ampliação nos limites cronológicos, com períodos mais recentes, 1980 e 1990, e períodos anteriores a 1888.<sup>1</sup> Ocorreu, da mesma forma, uma ampliação do recorte geográfico, como revelou Cláudio Batalha:

Há muito que os estudos sobre este campo deixaram de voltar-se para o eixo Rio e São Paulo. Afora a já vasta produção sobre o Rio Grande do Sul, há trabalhos sobre Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Pará e Amazonas (BATALHA, 2006, p. 90).

Assim é possível perceber as principais questões que tem marcado as discussões em torno da História do Trabalho.

### **3. MAPA DA PRODUÇÃO HISTÓRICA NO AMAZONAS**

Para uma melhor compreensão das produções históricas ligadas ao campo da História do Trabalho no Amazonas, optou-se por uma divisão acerca da centralidade do trabalho nas análises históricas. Assim sendo, didaticamente, as produções foram divididas em três partes: as que utilizaram a categoria trabalho como instrumento da análise histórica; as que o tomaram de uma forma indireta; e por fim, as produções em

---

<sup>1</sup> Esta data se cristalizou como marco inicial para se estudar os trabalhadores, em virtude do término da escravidão e da emergência do trabalho livre e suas formas.

que o tema trabalho apareceu entrecortado por patronato, infância, imigração, gênero e cidade.

### **3.1. O trabalho como instrumento da análise histórica**

Pode-se dizer que o trabalho que sintetizou e materializou as discussões acerca da renovação dos estudos da História do Trabalho realizada pelo impacto das obras de Thompson e Hobsbawm, entre as décadas de 70 e 80 do século XX, foi à dissertação de Mestrado de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, “A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)”, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no ano de 1996.<sup>1</sup>

Nesta produção, a autora procurou analisar não somente o espaço, os processos e as condições de trabalho dos estivadores manauaras, mas também o cotidiano desta categoria, suas relações com a cidade, lazer, moradia, alimentação, vestuário e outros aspectos. Refletiu ainda sobre a organização política da categoria, resgatando seu processo de organização (desde a sociedade de socorro mútuos até o sindicato, numa perspectiva que se distanciava da idéia de um suposto evolucionismo), as greves e suas dinâmicas, as relações entre lideranças e categorias e outros aspectos.

As principais questões que marcaram os debates sobre a História do Trabalho nos anos de 1970 e 1980 foram contempladas na dissertação acima destacada. A classe – no caso os estivadores – foi observada tanto no espaço de trabalho como fora dele, ou seja, no seu cotidiano (lazer, moradia, alimentação, etc). Outra questão referiu-se à classe em geral e suas lideranças, num esforço de não identificar “classe operária” com “movimento operário”, suas organizações, idéias e partidos específicos.

Com efeito, a utilização do conceito thompsoniano de classe enquanto formação social e cultural, a partir do caráter relacional, ou seja, das relações históricas estabelecidas com outras classes, marcou este trabalho, era o “fazer-se estivador”. Este trabalho tornou-se referência nos estudos de História do Trabalho no Amazonas.

Com a implantação e o processo de consolidação do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas (2006), e no interior do programa da linha de pesquisa Migrações, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia,

---

<sup>1</sup> Publicado em forma de livro no ano 2000 pela editora da Universidade do Amazonas (EDUA). Ver referência no final do artigo.

a História do Trabalho vem buscando se firmar institucional e academicamente. De 2008 em diante as dissertações de mestrado defendidas tem ampliado as discussões e a compreensão da História da Amazônia, pelo viés do trabalho.

Nesta esteira, cabe destacar as produções que vem contribuindo neste campo de estudos. A primeira delas corresponde a dissertação de Mestrado de Alexandre Nogueira Avelino, “O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: a Revista da Associação Comercial e as representações acerca do trabalho no Amazonas (1908-1919)”, defendida em 2008. Este trabalho procurou compreender o universo patronal a partir de suas relações com os trabalhadores amazonenses filtradas pelas páginas da Revista da Associação Comercial (ACA). Resgatando Thompson e seu conceito de classe, destacou o “fazer-se” do patronato na relação e oposição aos trabalhadores.

A dissertação de mestrado de Luciano Everton Costa Teles, “A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)”, defendida também no mesmo ano, traçou como objetivo central compreender o universo do trabalho e em especial, as dimensões da fala, organização e luta operária em Manaus, no início da década de 1920, filtradas pelas páginas do jornal Vida Operária, um dos mais importantes jornais operários surgidos no Amazonas.

Notou-se na obra que este objetivo maior fragmentou-se em preocupações específicas, como a discussão da própria Imprensa Operária como uma das manifestações da cultura das classes trabalhadoras e do papel desempenhado pelo jornal Vida Operária no interior do periodismo amazonense, por meio de sua linha editorial e das características que o singularizaram no interior daquela imprensa.

De igual forma, o autor procurou, através do jornal Vida Operária, identificar as dimensões (tamanho, composição, características) do universo do trabalho e dos trabalhadores urbanos de Manaus, mapeando ainda as demandas e denúncias acerca das condições de vida e trabalho. Ganhou destaque também o interesse em perceber e analisar a atuação do jornal Vida Operária nos processos de organização, conscientização e luta dos trabalhadores de Manaus, identificando, por seu intermédio, os dilemas organizacionais, as disputas internas, as influências de correntes teóricas no interior do movimento político dos trabalhadores amazonenses.

A dissertação de Mestrado de Benta Litaiff, “A crise da economia gomífera e o mundo do trabalho em Manaus (1910-1930)”, defendida em 2010, enfocou os caixeiros, identificando sua expressão numérica, as relações com o patronato, a mobilização, a

organização e as ações coletivas desenvolvidas para a construção de direitos e de mecanismos para assegurá-los, demonstrando que este processo de luta era estabelecido não de forma isolada, mas em articulação com movimentos similares em outras regiões do país.

O trabalho de Maria Célia Santiago, “Clandestinidade e Mobilização nas Linhas de Montagem: a construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus”, buscou refletir sobre o processo de suspensão do trabalho como instrumento de pressão para a promoção de melhorias nas condições de trabalho e vida, apresentando os mecanismos de mobilização e de construção da greve.

Inseridas no campo da História do Trabalho, as obras acima elencadas se estruturaram a partir do conceito thompsoniano de classe, buscando estabelecer, por meio deste campo e conceito, uma compreensão histórica do passado.

### **3.2. O trabalho tomado de forma indireta pela História Urbana**

No Amazonas, no âmbito da disciplina histórica, a questão do trabalho e do trabalhador apareceu de forma indireta na dissertação de Mestrado de Ednéa Mascarenhas Dias, intitulada “A Ilusão do Fausto. Manaus 1890-1920”, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no ano de 1988.<sup>1</sup> Nesta produção, a autora observou como o processo de urbanização, impulsionado pela economia gomífera e capitaneado pelos extrativistas e comerciantes, foi se constituindo e desencadeando a exclusão social. Destacou que as regras e normas presentes nos “códigos de posturas” acabaram atingindo setores populares, entre eles os trabalhadores que foram sendo segregados para espaços urbanos periféricos e precários.<sup>2</sup>

A partir de uma História Urbana, os trabalhadores foram mencionados como um grupo social impactado pelo processo de urbanização, tanto na esfera do trabalho (espaços de trabalho e condições de trabalho) como da vida (moradia, carestia de vida, lazer, uso do espaço urbano e outros). Porém, a reflexão não se inseriu propriamente no

---

<sup>1</sup> Esta produção transformou-se em livro publicado pela editora Valer em 1999. Ver referência no final do artigo.

<sup>2</sup> Embora seja uma reflexão pioneira que marcou e abriu o processo de renovação historiográfica regional, a autora tendeu a perceber o processo de segregação urbana de forma mecânica e automática, ou seja, a modernização urbana, capitaneada pelos setores dominantes – extrativistas e comerciantes – acabou por impossibilitar a presença de setores populares nas áreas centrais que foram deslocados para áreas periféricas.

universo da História do Trabalho, no entanto foi pioneira para um movimento de renovação historiográfica local ao mencionar grupos que antes eram ocultados por uma historiografia que olhava o processo de modernização e urbanização neste período como próspero e harmonioso.

“Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1915)” foi outra dissertação de Mestrado, produzida por Francisca Deusa Sena da Costa e defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no ano de 1997, que procurou compreender os mecanismos de exclusão social colocados em prática pelo poder público no decorrer do processo de urbanização viabilizado pela expansão da economia gomífera, destacando os impactos sobre os trabalhadores urbanos e demonstrando como a vivência destes ameaçava a ordem urbana estabelecida. Porém, não deixou de mencionar como os trabalhadores se apropriaram da cidade por meio de ações reivindicatórias. Duas dimensões foram destacadas nesta obra, ordem urbana e vivência popular, nesta última dimensão os trabalhadores urbanos foram incluídos.<sup>1</sup>

A tese de doutorado de Patrícia Rodrigues Silva, intitulada “Disputando espaço, construindo sentidos: vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967-2010)”, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2011, resgatou uma discussão acerca da implantação da Zona Franca de Manaus e dos projetos de reordenação e transformação urbana que emergiram neste contexto. A autora pontuou os conflitos surgidos pelo solo urbano, por demandas relacionadas à educação, saúde, água, luz e transporte, destacando a segregação de populares e trabalhadores neste processo.

Com efeito, as produções destacadas focaram o processo de urbanização da cidade de Manaus em momentos históricos distintos – Manaus da borracha e Manaus da Zona Franca – inserindo os trabalhadores neste processo e destacando os impactos causados sobre eles.

---

<sup>1</sup> Muito embora utilize o conceito thompsoniano de classe, a autora se deixou levar pela noção vaga de trabalhadores urbanos, encarando-os como um bloco homogêneo e, desta forma, não revelando as relações de alianças e conflitos entre setores dos trabalhadores. Outro ponto neste sentido foi a ausência de delimitação de fronteiras entre os trabalhadores urbanos e pobres urbanos, tomados em alguns momentos como sinônimos. Em que pese estas questões, o trabalho buscou avançar ao considerar a relação entre a cidade e os trabalhadores, percebendo a apropriação dos espaços da cidade pelos trabalhadores e demonstrando como muitos dos trabalhadores permaneceram nas áreas centrais em função do trabalho.

### **3.3. O trabalho entrecortado por outros temas: infância, gênero e imigração.**

Destacou-se nesta perspectiva o trabalho de Alba Barbosa Pessoa, “Infância e Trabalho: dimensões do trabalho infantil na cidade de Manaus”, defendido em 2010, procurou entender como se deu a inserção da criança no mundo do trabalho da cidade de Manaus e quais os espaços sociais ocupados por essas crianças nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, observando os grupos, as instituições e os discursos sobre a infância e o trabalho por meio dos periódicos, em especial a imprensa manauara, e dos documentos oficiais como relatórios de presidentes de província, mensagens dos governadores, códigos de posturas e outros.

Um ponto significativo deste trabalho diz respeito ao recorte cronológico, uma vez que a autora abordou o trabalho infantil da implantação do Juízo de Orfãos até a crise da economia gomífera, ou seja, da Província do Amazonas (Império) até o Estado do Amazonas (República), produzindo um recorte a partir de sua problemática, superando os recortes cronológicos tradicionais.

Por outro lado, a dissertação de Mestrado de Luciane Maria Dantas de Campos, denominada “Trabalho e Emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1930)”, defendida em 2010, demonstrou que a possibilidade de acesso à instrução formal, embora tenha sido um processo lento e restrito aos setores médios urbanos, mudou o perfil das mulheres, inserindo-as no mercado de trabalho, sobretudo no magistério infantil.<sup>1</sup>

A dissertação de Mestrado de Erivonaldo Nunes de Oliveira, “A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)”, defendida também em 2010, buscou analisar aspectos da imigração e permanência dos nordestinos em Manaus, por meio das relações entre imigração e trabalho pinçadas nas páginas da imprensa do período.

Percebe-se nestas produções que a questão do trabalho surgiu entrecortada por temáticas ligadas a infância, gênero e imigração, o que caracteriza uma variedade de temáticas, abordagens e objetos de estudo que contribuem para alargar e fazer avançar este campo na historiografia regional.

---

<sup>1</sup> Além das lojas de artigo de luxo e de confecções femininas, o comércio varejista e até mesmo as fábricas (de roupas) absorveram o trabalho feminino. Para além do comércio, as mulheres se encontravam também nos serviços domésticos. Eram cozinheiras, passadeiras, arrumadeiras e lavadeiras.

#### 4. OS DESAFIOS ATUAIS

Em que pese os avanços ocorridos neste campo de estudos, a maioria dos trabalhos se concentraram no período da chamada “Manaus da borracha”, entre os anos de 1889 e 1925. E mesmo considerando este período questões como a relação entre as instituições formais do operariado e os segmentos de “direita” faltaram ser iluminados, assim como temas ligados à família operária e ao sindicalismo reformista.

Reconhece-se também um esforço no sentido de superar os marcos cronológicos citados no parágrafo anterior, o que ficou evidente nos trabalhos de Pessoa, Santiago e Silva. Entretanto, embora se destaque esses avanços, eles ainda são tímidos em quantidade e, especialmente no que tange ao trabalho como principal categoria de análise das mudanças sociais.<sup>1</sup>

Outro ponto que mereceu destaque foi a consolidação da linha de pesquisa Migrações, Trabalho e Movimentos Sociais da Amazônia no interior do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas e, mais recentemente o lançamento de dois números da Revista Eletrônica Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, ligada a linha de pesquisa acima, mas aberta aos mais variados temas, como alerta o seu editor, professor Luis Balkar Sá Peixoto Pinheiro:

Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos quer ser um espaço aberto ao mais franco debate e à participação de todos quantos queiram discutir as múltiplas realidades e faces dessa Amazônia plural que transcende países e séculos. Se sua motivação e animação parte da necessidade sentida por um coletivo de historiadores “da terra” de ampliação da difusão de conhecimentos sobre a Pan-Amazônia e da efetiva instauração de um espaço de intercâmbio e de troca historiográfica a transcender fronteiras nacionais, disciplinares, linguísticas e culturais, nem por isso sua opção resvala para o absurdo de fechar-se em gueto, onde só podem atuar historiadores locais (2011, p. 7-8).

Esta linha possibilitou o desenvolvimento de pesquisas que vem contribuindo para um processo de renovação historiográfica regional e para uma ampliação dos estudos relacionados à História do Trabalho. Por outro lado, a divulgação de resultados de pesquisas pela Revista Eletrônica tem sido salutar e contribuído, juntamente com a

---

<sup>1</sup> Uma vez que o trabalho de Patrícia Rodrigues Silva observou as transformações pelas quais Manaus passou por meio da implantação da Zona Franca de Manaus, inserindo os trabalhadores ao lado dos populares, focando suas vivências e demandas surgidas no espaço urbano.

linha de pesquisa, para o alargamento, a nível de Brasil, dos estudos relacionados a este campo, superando o espaço circunscrito ao eixo Rio-São Paulo.

Com efeito, desafios de ordem teórico-metodológica se colocaram. O primeiro deles refere-se à inserção da relação entre espaço e classe como fundamental para se entender o processo de formação da classe, por meio da “teoria de rede” (SAVAGE, 2011).

Esta postura surgiu por meio de uma resposta ao um conjunto de críticas que emergiu no cenário inglês sobre a abordagem de formação de classe. Esta crítica foi direcionada a três dimensões do conceito de formação de classe. A primeira crítica direcionou-se a terminologia do conceito de classe que continuou a “implicar certo processo evolutivo”, sobretudo a tendência de que uma vez que “a classe está ‘formada’ seu caráter básico está dado”. Neste ponto, como explicar no processo de formação de classe, seu declínio e uma eventual ascensão futura, considerando o intervalo entre um e outro. A classe se desfez ou não? Nesta esteira, como superar a tendência a ver a formação de classe como um “processo ‘com etapas’, passando de um tipo ‘mais baixo’ (econômico) ou ‘mais elevado’ (político) de formação de classe, com algum tipo de classe operária radical sendo o ápice do processo de formação de classe” (SAVAGE, 2011, p. 12).

A segunda crítica se direcionou ao vocabulário conceitual, que necessitou de melhorias. O declínio da formação de classe “tem sido largamente atribuído às condições externas afetando as classes antes que quaisquer características intrínsecas da própria formação”. E por fim, a última crítica, quando nós sabemos que uma classe está formada?”, aqui parece existir um caráter evocativo, mas vago do conceito de formação de classe (SAVAGE, 2011, p. 13).

A superação destas críticas está na perspectiva de encarar a relação entre espaço e classe como fundamental para se entender o processo de formação da classe, em especial através da “teoria de redes”. Para Savage,

São as redes em que as pessoas estão inseridas que explicam como coletividades se formam, como elas se desenham, como indivíduos estão aptos a estabelecer contatos e mobilizar recursos. Somente quando redes sociais vinculam pessoas, juntando-as, pode a ação coletiva ocorrer (2011, p. 18).

O autor destacou ainda que existem dois modos de pensar sobre as redes. O primeiro deles correspondendo à exploração das densidades das redes. O outro, ao contrário, percebendo a extensão e fluidez delas. O que tornou esta proposta significativa foram as potencialidades que poderiam surgir.

Uma dessas potencialidades foi identificar as bases formadoras das redes sociais e, no caso da História do Trabalho, devendo-se considerar neste processo os jornais operários (como instrumentos que estabelecem conexões espaciais), as lideranças (como elementos que costuram alianças para além do espaço local) e outros elementos similares que acabaram constituindo as redes.

Outra potencialidade consistiu em estabelecer as características destas redes, desenhando-as e percebendo suas relações com outras redes que se entrecruzaram, sejam elas do universo operário ou não. Neste ponto, foi possível estabelecer fronteiras entre as redes e detectar avanços e recuos, certamente observando as suas complexidades.

Esta proposta potencializou ainda um ponto que atualmente é crucial para a História do Trabalho, qual seja: o uso da comparação. Com relação ao uso da comparação Cláudio Batalha destacou:

Há um renovado interesse no uso da comparação na História, apesar de restrito a círculos limitados de historiadores europeus e norte-americanos (...). É verdade que a história comparativa propriamente dita, que supunha uma pesquisa de fontes primárias em pelo menos dois contextos diferentes, mas que possuam fenômenos similares, é um procedimento reservado para uma minoria (...).

Entretanto, sempre é possível e desejável a introdução de alguma comparação em qualquer fenômeno estudado, mesmo que fundada no conhecimento desigual dos casos comparados e recorrendo a literatura secundária como fonte de informação. A comparação auxilia na elaboração das hipóteses explicativas e suscita questões que dificilmente surgiriam apenas como um estudo de caso. Somente a comparação permite distinguir os traços gerais dos específicos no estudo de um dado fenômeno (2006, p. 96).

É inegável a importância do uso da comparação. Neste sentido, outros métodos surgiram a partir da comparação e podem ser utilizados no interior da História do Trabalho, principalmente a chamada “história transnacional, a história cruzada e a história de transferência” (BATALHA, 2006, p. 97).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos últimos anos a produção histórica no Amazonas, tendo como base o viés do trabalho ou trabalhando-o permeado por outras questões como patronato, gênero e outros, tem sido significativa.

Contribuíram para este processo as discussões que se estabeleceram no campo da História do Trabalho no decorrer da década de 70 e 80 do século passado, que impulsionaram algumas reflexões no Amazonas, e a consolidação acadêmica e institucional deste campo de estudos no interior do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas, em especial a linha de pesquisa Migrações, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia.

Em que pese às produções de Silva, Pessoa e Santiago caminharem no sentido de promover um alargamento dos marcos cronológicos da História do Trabalho no Amazonas em duas direções, Província e Zona Franca de Manaus, alguns desafios se colocaram como o uso da comparação e metodologias similares – história transnacional, cruzada e de transferência – e a utilização da “teoria de redes” defendida e divulgada por Mike Savage.

Temas como a família operária, relações entre sindicatos e partidos de “direita” além de recortes de gênero e etnia acabaram se destacando como interessantes para a compreensão da História do mundo do trabalho no Amazonas.

**Recebido em: 08/08/2012**

**Aceito em: 29/01/2013**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: a Revista da Associação Comercial e as representações acerca do trabalho no Amazonas (1908-1919)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.
- BATALHA, Claudio. Os desafios atuais da História do Trabalho. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, janeiro/dezembro 2006, p. 87-104.
- BILHÃO, Isabel. A construção da identidade operária brasileira: aspectos de uma trajetória historiográfica (do nacional ao local). *Revista Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 4, agosto/dezembro 2010, p. 218-234.
- CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1930)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus 1890-1915*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.
- Ednea Mascarenhas Dias. *A Ilusão do Fausto*. Manaus 1890-1920. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.
- GOHN, Maria da Glória. O Paradigma Marxista na Análise dos Movimentos Sociais. In: *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997, p.171-207.
- GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.
- HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? *Revista Brasileira de História*. São Paulo/ANPUH, v. 5, n. 10, março/agosto 1985, p. 208-231.
- HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LITAIFF, Benta. *A crise da economia gomífera e o mundo do trabalho em Manaus (1910-1930)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- PESSOA, Alba Barbosa. *Infância e Trabalho: dimensões do trabalho infantil na cidade de Manaus*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Ainda o movimento operário como objeto historiográfico. *Anos 90*. Porto Alegre, n. 8, dezembro 1997, p. 62-78.

- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Transpondo Fronteiras. *Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*, v. 1, n 1, junho 2011, p. 5-8.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.
- SANTIAGO, Maria Célia. *Clandestinidade e Mobilização nas Linhas de Montagem: a construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 3, n. 5, janeiro/junho 2011, p. 06-33.
- SILVA, Patrícia Rodrigues. *Disputando espaço, construindo sentidos: vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967-2010)*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.
- THOMPSON, E.P. *The peculiarities of the English*. In: Miliband, R. e Saville, J. (eds). *The Socialist Register*. London: Merlin, 1965, p. 357.